

À MARGEM DA HISTÓRIA: UMA LEITURA DE *O MUNDO ALUCINANTE*, DE REINALDO ARENAS

Lucilene Canilha Ribeiro¹

Não há documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie.
Walter Benjamin²

RESUMO

O estudo em questão analisa o romance *O mundo alucinante*, de Reinaldo Arenas, à luz das teorias acerca da relação entre história e literatura. Ao utilizar o discurso ficcional, o autor escreve a sua versão da História, iluminando questões e assuntos delicados ao entendimento cultural de sua época e sua pátria.

Palavras-chave: romance histórico, literatura cubana, literatura hispano-americana.

O escritor cubano Reinaldo Arenas, ao escrever *O mundo alucinante*, remonta a história do frei Servando Teresa de Mier. Nesse romance o autor faz um diálogo entre a vida do religioso revolucionário e a dele mesmo. Já na introdução ele diz: “O mais importante foi descobrir que tu e eu somos a mesma pessoa” (ARENAS, 1984, p. 13). E será esse diálogo que irá permear a escrita transgressora de Arenas que busca alcançar através de uma prosa lírica a emoção necessária para entender-se o percurso de tão intrigante personalidade.

Chamar Frei Servando de religioso revolucionário é reduzir ao máximo a intrigante personalidade do romance escrito pelo autor cubano. Arenas nos revela que a vida de Mier

¹ Doutoranda e Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande. Graduada em Letras Português - Espanhol pela mesma universidade. E-mail: lucileneecs@yahoo.com.br

² BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.

foi muito mais complexa do que possa transmitir qualquer discurso narrativo, inclusive o ficcional. Se para ele o romance, que se entende ser uma narrativa desprendida de referentes reais, já limita a grandiosidade de um ser humano, mais limitado ainda é o discurso histórico que pretende expor a tão almejada verdade absoluta.

O romance narra a história de uma personalidade histórica que ganha vida no imaginário do escritor cubano: Frei Servando Teresa de Mier. Sua trajetória é tortuosa, e pode ser sintetizada (como lembra a epígrafe de Walter Benjamin) como uma história de barbárie. A história que nos é contada é ambientada em um tempo de barbárie promovido pela Igreja Católica, ou seja, o período da Santa Inquisição. Ambientado no início do século XIX, entre a América e a Europa, o protagonista percorre um caminho fugindo de um regime governamental que se opunha as suas idéias de progresso para a América e principalmente tentando ludibriar a força esmagadora da Igreja. Após a leitura do romance o leitor tem a impressão de que o erro gerador de toda essa aventura de peripécias de Frei Servando foi o sermão onde ele expunha a idéia de que Nossa Senhora de Guadalupe teria aparecido no México antes da chegada dos colonizadores. Suas opiniões estão fundamentadas no fato de existirem representações da figura da santa em construções indígenas anteriores a chegada da armada espanhola. A partir dessa exposição onde toca em dois assuntos tabus (a colonização espanhola e o catolicismo) a vida do protagonista cai em um turbilhão de eventos que o arrastam a caminhos nunca antes experimentados.

O gênero do romance histórico sofreu modificações desde suas origens. A maior parte da teoria concorda que Walter Scott teria inaugurado o gênero. Georg Lukács escreveu em seu livro, *La novela histórica*, um tratado sobre o romance histórico. Nesta obra, ele analisa basicamente Charles Dickens, Leon Tolstoi, Walter Scott e consagra o que hoje a crítica chama de romance histórico tradicional. As características principais apontadas pelo teórico austríaco eram o fato da história ficcional apresentar fortes referentes históricos (descobrimientos, guerras, revoluções, etc.) e apresentá-los como pano de fundo da história ficcional. A fábula geralmente não comportava personalidades históricas a não ser quando essas ajudavam a compor a *mise en scène* historiográfica. A escrita forjava uma objetividade histórica utilizando certos recursos como o uso do narrador em terceira pessoa, distante observador do objeto estudado.

Com o passar dos anos a ficção se modificou gradativamente obrigando a crítica a rever seus conceitos. O gênero em questão assumiu novas formas e após esse primeiro aparecimento no século XIX foi praticamente esquecido dentro do panorama literário. Em meados do século XX o romance histórico retoma o seu fôlego e ganha espaço, principalmente na América Latina. Em torno desse reaparecimento do gênero a crítica debruçou-se e entendeu que o gênero havia se modificado e que apresentavam novos elementos que a distinguiam da narrativa ficcional histórica do século anterior.

Seymor Menton traça um estudo acerca das novas narrativas se detendo na análise de obras latino-americanas. Ele considera o romance de Alejo Carpentier, *El reino de este mundo*, publicada em 1949 como a obra primordial do novo romance histórico. Sua tese se baseia no princípio que o romance histórico tradicional se diferencia do segundo caso por seis características:

[...] se distingue claramente de la novela histórica anterior por el conjunto de seis rasgos que se observan en una variedad de novelas desde la Argentina hasta Puerto Rico, con la advertencia de que no es necesario que se encuentren los seis rasgos siguientes en cada novela:

1. La subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas [...]
2. La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos.[...]
3. La ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la fórmula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas ficticios. [...]
4. La metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación. [...]
5. La intertextualidad. [...]
6. Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia. [...] (MENTON, 1993, p. 42-44).

Serão basicamente esses tópicos que irão permear os estudos feitos acerca do gênero narrativo-histórico na segunda metade do século XX.

O romance de Reinaldo Arenas está presente no cânone elegido por Menton para demonstrar a ocorrência de tal corrente literária. Muitas obras evidentemente ficaram de fora da relação do teórico, sendo tal fato totalmente compreensivo devido ao espaço físico (o número de páginas) em que reflete sua teoria, o número de países estudados (toda a América Latina) e conseqüentemente o número de obras. Mesmo assim, através de sua

leitura é possível um entendimento mais sistêmico acerca das novas manifestações acerca do romance histórico.

Dentro dessa perspectiva teórica, *O mundo alucinante* é claramente um novo romance histórico. Isso porque ele pode ser caracterizado por alguns dos traços elegidos por Menton. Pode-se afirmar ainda que o romance de Arenas não apenas pode ser classificado como um novo romance histórico, já que a obra literária dificilmente é comportada pela teoria. A narrativa vai além dos pressupostos de Menton e trava uma batalha discursiva com o discurso histórico.

A primeira característica apontada por Menton, que diz respeito a difícil tarefa do discurso histórico de apreender a verdade dos fatos, toca em um ponto central da narrativa de Arenas. Ele discute a impossibilidade da história de compreender o fato real. Para o escritor cubano a literatura estaria mais próxima de conseguir aproximar-se do real devido ao fato da liberdade da escrita. Em determinado momento ele diz:

[...] Por isso, sempre desconfiei do ‘histórico’, desse dado ‘minucioso e preciso’. [...] Recolhe por um acaso a História o instante crucial em que Frei Servando se encontra com o agave mexicano [...] Os impulsos, os motivos, as secretas percepções que instam (fazem) um homem, não aparecem, não podem aparecer recolhidos pela História, assim como, até sob o quirófano, jamais se captará o sentimento de dor do homem magoado (ARENAS, 1984, p. 9).

A trajetória de Frei Servando, tenta recontar não o que os livros de história já disseram, mas algo novo, elementos que caracterizem essa personalidade como ser humano e não como personalidade histórica. O Frei da história não é complexo, possui apenas uma faceta: a do religioso revolucionário que percorreu a Europa a pé. Por outro lado, o Frei descrito por Arenas é um personagem profundo que mostra diversas faces no decorrer de seu percurso. Ele não se restringe ao conceito que o discurso histórico lhe outorga, ele transcende. E é nessa intenção que Arenas se volta contra a limitação da história.

O segundo elemento apontado por Menton é a distorção dos acontecimentos históricos. No novo romance histórico não há uma preocupação em manter o discurso histórico tal qual já está institucionalizado. A narrativa do escritor cubano, por exemplo,

não se limita a repassar o que a história já registrou. Pelo contrário, ele busca em meio a recursos estilísticos transfigurar a trajetória de frei Servando. Para isso, por exemplo, o narrador se apresenta em diversas pessoas, ora forjando uma maior objetividade, ora buscando uma maior subjetividade que em alguns momentos chega a confundir o leitor, que não consegue distinguir a figura do narrador e a de Frei Servando. Antes de iniciar a trajetória do religioso, há uma espécie de carta dirigida a ele enviado pelo autor onde declara sua proximidade com a figura do mexicano:

[...] Prezado Servando:

Desde que te descobri em uma linha de uma péssima história da literatura mexicana, como ‘o frade que tinha percorrido a pé toda a Europa, realizando aventuras inverossímeis’, comecei a tentar encontrar-te por todos os lugares. [...] O mais importante foi descobrir que tu e eu somos a mesma pessoa (ARENAS, 1984, p. 13).

Após essa declaração pode-se esperar que existam algumas (várias) interferências do autor nos fatos narrados, interferência essa que pode ser originária da própria biografia de Arenas.

O terceiro tópico abordado por Menton é a ficcionalização dos personagens históricos que se diferencia do romance histórico tradicional onde as personagens históricas não se envolviam na trama. Eram apenas complementos do painel histórico. O próprio Frei Servando, protagonista da história, é uma personagem que mesmo que menor, é uma personalidade histórica. Além dele, ainda há, por exemplo, uma ficcionalização do personagem Orlando de Virginia Woolf. Tal personagem, do livro homônimo, pertence a um novo romance histórico apontado por Menton como o primeiro novo romance histórico da Europa escrito em 1928.

A metaficção, apontada pelo teórico como a quarta característica, é um processo evidente na obra. Arenas não apenas discute a ficção como a escrita da história. Ambos os aspectos permeiam o texto do início ao fim, e ficam mais evidentes quando o autor utiliza um narrador mais subjetivo e expõe suas idéias acerca dos processos de escrita. Como no exemplo a seguir: “[...] meus livros [...] não encontrará uma contradição, mas várias. Não um tom, mas muitos.” (ARENAS, 1984, p. 11).

A intertextualidade, quinto aspecto, se dá principalmente com a obra *Memorias*³ de Frei Servando de Mier. O autor cubano relata que sua obra está calcada no que diz as anotações do religioso sobre a sua peregrinação. A construção da narrativa se dá de forma picaresca onde Servando de Mier passa por diversas atribulações desde sua saída do México, enfatizando sua estada na Europa, até o seu retorno à América. A apropriação do texto biográfico se dá em larga medida sendo exposto aliado ao discurso de Arenas. Outros textos incorporados à narrativa como podemos constatar no capítulo XXIX onde utiliza trechos de cartas do Frei. Na página 279 há uma tradução feita pelo poeta cubano José Maria Heredia e no capítulo XXXV há um trecho tirado de um livro sobre Frei Servando do autor Artemio de Valle-Arizpe. Mais do que intertextual a narrativa de Arenas se configura em mosaico onde diversas partes de discursos se unem para compor uma só imagem: a aventura de Frei Servando Teresa de Mier.

Pode-se entender que os conceitos bakhtinianos, como o dialogismo, a heteroglosia e a parodia, estão neste caso aliados ao tópico anterior. Como define Menton, na obra existem projeções de mais uma veia interpretativa acerca da história narrada. Exemplo mais claro disso é quando, por exemplo, existem três subcapítulos para narrar uma mesma situação que se mostra sutilmente modificada devido à mudança do ponto de vista, como nos capítulos I e II⁴. A heteroglosia pode ser comprovada com exemplos citados anteriormente reparando nos diversos níveis discursivos que Arenas utiliza em seu mosaico textual. A paródia aliada à carnavalização é exposta na obra através da subversão do texto base do romance histórico, ou seja, o livro *Memorias* do próprio frei Servando de Mier.

Entende-se dessa forma que o livro de Reinaldo Arenas é um típico exemplar do novo romance histórico. A narrativa possui todas as características apontadas por Seymour Menton como delineadoras do novo romance histórico. Lembrando que para o teórico não seria necessário apresentar todos os seis elementos para se caracterizar como tal.

O escritor cubano faz um discurso pautando-se principalmente em uma reforma do relatado no discurso histórico. Segundo ele, a pesquisa que fez em livros de história,

³ MIER, Fray Servando Teresa de. *Memorias*. Disponível em: <http://bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=103&begin_at=128&tt_products=262>. Acessado em: 15 de julho de 2010.

⁴ Ver das páginas 17 a 31. ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

enciclopédias não o satisfaz. Apenas o relato biográfico de frei Servando pôde dar um substrato significativo para a ânsia do escritor de explorar a vida do religioso. O escritor se antepõe ao discurso histórico pois o vê como o discurso que está nas mãos dos poderosos. Jamais se falaria com exaltação de frei Servando em uma História do México escrita por colonizadores. Esse homem que desafiou a Igreja Católica em seu período mais obscuro, a Santa Inquisição, não teve o seu merecido reconhecimento pelos livros de história, segundo Arenas. Levando em consideração o fato do religioso pertencer a uma minoria a teoria benjaminiana sobre a história explica tal ocorrência:

[...] com quem se identifica o historiador do historicismo? A inelutável resposta é: com o vencedor. Os dominadores num certo momento histórico são, no entanto, os herdeiros de todos aqueles que alguma vez já venceram. Assim sendo, a identificação com o vencedor acaba toda vez beneficiando o detentor do poder (BENJAMIN, 1991, p. 156-157).

É pensando nessa perspectiva de que o discurso histórico seja um discurso ideológico e que esteja nas mãos de quem obtém o poder, que se pode pensar a narrativa de Arenas se opondo constantemente a História. O primeiro passo, que ele dá nesse sentido, é o de negar as fontes historiográficas por julgá-las insuficientes. A escassa dissertação sobre frei Servando tem uma lógica correspondente ao fato de que a história do religioso se contrapõe a História.

Linda Hutcheon⁵ propõe a existência de verdades (no plural) ao invés de se proclamar uma só verdade (como pretendia o modelo historiográfico). Segundo a teórica a metaficção historiográfica (entendida e resumida aqui como o romance histórico pós-moderno) tem esse traço significativo da contemporaneidade. Com isso entende-se que o romance de Arenas (cronologicamente anterior a essas teorias) apresenta tal elemento não só quando se pretende ser um preenchimento da lacuna historiográfica sobre Frei Servando (mostrando uma faceta mais profunda do religioso que cruzou a Europa a pé), mas principalmente quando reúne em seu discurso textos de diversas categorias para construir sua História de frei Servando.

⁵ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Paul Ricoeur diz que: “[...] podemos ler um livro de história como um romance” (RICOUER, 1997, p. 323). Mas nesse caso há uma inversão: lê-se um romance como um livro de história. Um romance que preenche o que o discurso histórico quis relegar ao esquecimento. Reinaldo Arenas tenta recuperar a história de um homem, independente de qualquer outro motivo. Para ele era necessário gritar contra o discurso majoritário, mostrar um outro lado da verdade histórica. A motivação era uma só: mostrar a humanidade do marginalizado, daquele que não está incluído. A identificação, entre o autor cubano e o frei mexicano, reiterada inúmeras vezes no romance, corrobora a idéia de denúncia. O propósito de mostrar o passado como uma máscara do presente nos leva a perceber um personagem/autor (fundidos em um só ser) silenciados por um discurso de poder.

De acordo com o escritor e teórico Alfred Döblin: “[...] o romance baseado na História é acima de tudo romance e, além disto, leitor e autor o querem romance, e não História.” (DÖBLIN, 2006, p. 25). Pensando sob essa perspectiva, concorda-se que a obra *O mundo alucinante*, apesar de ser um romance histórico, não se pretende em nenhum momento se materializar em discurso histórico. Não há uma tentativa de substituir o discurso já existente na historiografia, mas sim de complementar buscando a mais profunda compreensão daquela personalidade.

Complementando a idéia do escritor alemão sob o romance histórico, tem-se que observar a diferença de um trabalho entre um historiador e um romancista histórico. O primeiro mantém-se preso aos seus referentes históricos, precisa manter uma certa fidelidade com os acontecimentos “realmente” acontecidos. Devido a isso atrela-se a documentos, registros, etc. O romancista histórico, aliado à liberdade da criação literária, dá-se o direito de inventar um universo, de criar imagens, de metaforizar eventos. Döblin diz que:

[...] Por algum motivo derivado de sua situação pessoal e sua condição social, o autor será impelido em direção a algum fato histórico. Este fato prende sua atenção [...] Seu objetivo não é a escavação, como um arqueólogo, com o intuito de edificar um museu, senão trazer o que está submerso para o mundo, fazer os mortos falarem, torná-los vivos, movimentar suas pernas paralisadas (DÖBLIN, 2006, p. 31).

Sendo assim, conclui-se que o romance de Reinaldo Arenas sobre Frei Servando Teresa de Mier faz mais do que recuperar a História. Ele parte de um princípio questionador sobre a fórmula totalizadora e incompleta do discurso histórico e busca atualizar a história polêmica do frei. Além disso, contribui de forma significativa para a teorização acerca do novo romance histórico, na medida em que complementa os pressupostos teóricos. Como uma verdadeira obra de arte o livro extrapola os preceitos da crítica e engrandece os estudos literários. Além disso, o romance faz com que se discuta criticamente tanto o passado quanto o presente denunciando em forma alegórica uma história de barbárie e principalmente se pense o lugar do vencido nesse ambiente.

Referências

- ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.
- DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 13-36, 2006. Editora UFPR.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MENTON, Seymor. *La nueva novela historica de la America Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIER, Fray Servando Teresa de. *Memorias*. Disponível em: <http://bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=103&begin_at=128&tt_products=262>. Acesso em: 15 de julho de 2010.
- _____. *Ideário político*. Disponível em: <<http://www.quedelibros.com/libro/52151/Ideario-Politico.html>>. Acesso em: 24 de agosto de 2010.
- MOREIRA, Maria Eunice. A harpa e a sombra: Cristóvão Colombo na partitura de Alejo Carpentier. *Revista Letras*, Universidade de Santa Maria, Centro de Artes e Letras. Curso de Pós-graduação em Letras. n. 6, julho/dezembro 1993. p. 59-79.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce Cortês (org.). *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo III). São Paulo: Papirus, 1997.

AL MARGEN DE LA HISTORIA: UNA LECTURA DEL *O MUNDO ALUCINANTE*, DE REINALDO ARENAS

RESUMEN

El estudio analiza la novela *O mundo alucinante*, de Reinaldo Arenas a la luz de las teorías acerca de la relación entre historia y literatura. Al utilizar el discurso ficcional, el autor escribe su versión de la Historia, aclarando cuestiones y asuntos sencillos a lo entendimiento cultural de su época e su patria.

Palabras-clave: novela histórica, literatura cubana, literatura hispanoamericana.

Recebido em 21/04/2014.

Aprovado em 30/07/2014.